

MIGUEL CHIKAOKA E FOTOATIVA: PONTUAÇÕES NO MOVIMENTO FOTOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO NO PARÁ.

Luciana Loureiro Figueira Magno – UFPA

RESUMO

Apresentaremos um fluxo histórico das vivências fotográficas impulsionadas pelo fotográfico e educador Miguel Chikaoka, nas décadas de 1980, 1990 e 2000, enquanto processo coletivo engendrado na *FotoAtiva*, lugar que possibilitava encontros ricos de pluralidades individuais. Chikaoka, idealizador e um dos fundadores da *FotoAtiva*, viabilizava experimentações colaborativas, que eram exponenciadas pelo desejo-base das ações: estar juntos recriando, resignificando a experiência estética da vida através da fotografia.

Palavras-chave: Miguel Chikaoka ; Fotografia contemporânea no Pará; Arte e Vida.

ABSTRACT

We wil present the historical flux of the photographic experience pushed by the photographer and educator Miguel Chikaoka through the decades of 1980, 1990 and 2000, as a colective process engendered at FotoAtiva, a common place for rich encounters and individual pluralities. Chikaoka, creator and one of the founders members of FotoAtiva, used to enable cooperative experimentations exponentialized by the base-wish of teh actions: being together recreating, resignfying the stetical experiece of life throughout photography.

Key words: Miguel Chikaoka; Contemporary Photography in Pará; Art and life.

Curiosidade, busca de pertencimento, sorte... Quando Miguel Chikaoka recebeu a carta de uma amiga dividindo suas descobertas em Belém em 1977, ele, um jovem nissei nascido em Registro, uma colônia de japoneses no interior de São Paulo, já estava na França há um ano onde aprendia francês para cursar doutorado em Engenharia elétrica na *École Nationale Supérieure d'électricité et de Mécanique - ENSEM*. A carta, entre outros fatores, foi importante para somar na construção do imaginário da Região então desconhecida por ele, significativa para obter a percepção das grandes diferenças climáticas, culturais e sociais em seu mesmo país. Três anos depois, entre tantos caminhos e direcionamentos, após a decisão de abandonar o doutorado que cursava em Nancy - França, Chikaoka retorna ao Brasil – entre o final de

1979 e início de 1980 -, onde Belém figura como rota inicial de seu desejo de itinerar pelos vários “Brasis”.

Ainda na França travou intenso contato com questões políticas de ordem libertária, sobre as quais já possuía algum interesse desde o Brasil, fazendo-se presente nas comemorações de uma década dos movimentos de Maio de 1968. Sua percepção sobre o entorno foi resignificado quando a fotografia lhe abriu portas cognitivas e sensoriais a um novo embate com o mundo. Como se a câmera fosse um meio de chegar a questões que há muito tempo interessavam. O interesse pelas relações humanas ao mesmo tempo em que sustentava essa experimentação inicial fotográfica, era também estimulado pela fotografia.

Nesse período de deslocamento entre Brasil/França/Brasil há um atrito ideológico, um deslocamento de cenários políticos. Em 1976/1977 quando deixa o país, o Brasil ainda estava em regime militar. Na França, no entanto, Chikaoka presencia um momento onde ideais libertários ganhavam corpo em posicionamentos, em ações. De volta ao Brasil, em 1980, a repressão continuava e as manifestações de protesto explodiam quando em Belém juntou-se aos movimentos políticos e culturais, onde foi acolhido como fotógrafo pelo *Núcleo de Imprensa do Jornal Resistência*, órgão da *Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos*, articuladora em movimentos populares que lutavam pelo fim da ditadura militar no país.

Em Belém, já existia de fato uma longa história do fotográfico, que remonta o final do século XIX e o início do século XX¹, e que se desdobra enquanto movimento de grupo em torno da fotografia desde a época do *Foto Clube do Pará*, durante a década de 1950², e começa a ressurgir nesse período de retomada cultural do país. Em 1980, começa uma retomada da fotografia dentro de perspectiva coletiva, ainda de forma tímida.

Um fato curioso e essencial para a trajetória de Chikaoka aqui firmada, é que não foi um fotógrafo que chegou, protegido pela lente fotográfica, imponente e cheio de certezas, nas terras exóticas da Amazônia, mas um viajante, um desbravador, motivado pelo desejo de experimentar, um homem consciente de que “o olho do fotógrafo não vê

superiormente nem melhor do que podemos ver desarmados, sem a máquina, mas vê diferente, de maneira nova ou inédita, não querendo isso dizer, também, que veja de maneira certa e objetiva” (NUNES, p. 25, 1998).

Com esse anseio experimental Chikaoka ministra na cooperativa de artistas *AJIR*, sua primeira oficina em 1981, intitulada *Iniciação à Arte Fotográfica*, e já dessa primeira proposta de oficina de fotografia, entrelaçaria os primeiros vínculos com pessoas que viriam a formar o grupo *FotoAtiva* entre 1983/1984. A proposta da primeira oficina tornou-se um tubo de ensaio para os próximos experimentos, que se seguem de maneira continuada, até as atuais oficinas ministradas por ele. São experimentos direcionados tanto ao crescimento do outro quanto de si mesmo.

Claramente presente em seu pensamento manifesta-se a preocupação em trabalhar a fotografia de forma mais ampla, procurando aprofundar, em cada um dos participantes da oficina, a relação com os elementos próprios da fotografia, mas também uma consciência profunda do estar no mundo, mirando alvos infinitos:

O aluno será induzido a conhecer, manipular e dominar a técnica e os instrumentos básicos da fotografia (luz, filme, câmera fotográfica, laboratório, etc.) a partir da “intuição fotográfica” do olho. (...) Em seguida, com a realização de trabalhos práticos, individuais e coletivo, os resultados serão analisados e debatidos, buscando, com isso, desenvolver a percepção sensitiva do ato mecânico de apertar o botão de uma câmera fotográfica – o que ele nos esconde ou o que ele nos revela. Enfim, o curso se propõe a abrir um espaço para a prática da fotografia de uma maneira mais ampla e, gerado por todos aqueles que queiram desenvolver algum tipo de trabalho através desta prática, buscar, sobretudo, um conhecimento maior e mais aprofundado de cada um e de seus relacionamentos com o mundo que nos cerca.³

Pode-se dizer que, de alguma forma, a potência da *FotoAtiva* já acontecia no *AJIR*, enquanto movimento coletivo de pessoas que se juntam para resignificar a vivência no plano de aspirações e desejos de interagir no mundo. A *FotoAtiva*, por meio das *Fotoatividades*, conectou as pessoas em um ideal que dizemos ser “Uma arma particularmente eficiente da contra violência é a nossa poesia pessoal-coletiva, a nossa criação (*poiesis*). O assassinio metafórico mas altamente eficaz dos nossos assassinos” (COOPER, 1987, p. 13)⁴.

1982, o recém-formado grupo da primeira oficina de fotografia, *FotOficina*, realiza o *FotoPará* com coordenação de Chikaoka. Tratava-se de uma espécie de salão aberto que reunia vários tipos de produção fotográfica, onde buscava-se “estimular a exploração da fotografia como instrumento de e/ou objeto de pesquisa e criação integrados ao processo de desenvolvimento social, cultural e artístico da comunidade”⁵. Era a primeira iniciativa de formar uma mostra imbuída de um sentimento coletivo, que procurava pensar as questões relativas à fotografia no Pará, realizando um mapeamento local da produção. Ao final da mostra, devido ao incomodo causado pelo horário de funcionamento da galeria, que restringia a visitação a um público bem menor, os fotógrafos propuseram e realizaram uma mostra de encerramento na rua com as imagens do *FotoPará*, deixando também o espaço aberto para quem desejasse unir-se ao movimento, o então *Fotovarial* exercitava tirar a arte das galerias levar a outros lugares, alcançar um melhor diálogo com a população em geral. Logo espalhou-se e nesse trânsito de fotógrafos e fotografias por diversos espaços da cidade, desde escolas e universidades até bares e praças, entre ações desencadeadas e desencadeadoras, difundiu-se o ato fotográfico e promoveu o encontro que, iniciando um processo de coletividade na fotografia em Belém, criou os vínculos necessários para solidificar a sua base: o desejo de estar juntos “reinventando o mundo” através da fotografia.



Figura 1 e Figura 2: Fotovarial entre o Bar do Parque e o Teatro da Paz, encerramento do I Fotopará, 1982. (Acervo Miguel Chikaoka/ Kamara Kó)

O período de maior difusão e utilização dos *Fotovariais* são os anos de 1983, 1984 e 1985, últimos anos do regime militar no Brasil, já em declínio, e pode-se notar

que além da função integradora entre fotógrafos, não-fotógrafos, público e transeuntes, o *Fotovara* ganha também a função de ocupar lugares culturalmente ociosos na urbe.

Com um projeto aperfeiçoado da experiência do *FotOficina*, nasce entre 1983 e 1984 a *FotoAtiva* - o grupo, o espaço, o início do desejo de realizar projetos juntos e as ações enquanto associação -, o projeto de oficinas permanentes do grupo *FotOfina*. Em julho de 1984 cursos permanentes de fotografia ministrados por Chikaoka começam a acontecer em diversos formatos, algo parecido com o que hoje é a oficina *Photomorphosis*. A dinâmica dos cursos funcionavam, muito resumidamente, da seguinte maneira: duração de dois a três meses, 15 participantes em média por turma, encontros na *FotoAtiva* para exercício e trocas de informações, viagens para realização de exercícios aos arredores da Cidade de Belém. Estes foram no decorrer do tempo expandidos e também aperfeiçoados, entre outras propostas de menor duração de oficinas dirigidas.

Não há dúvidas de que o processo coletivo e experimental iniciado pelas “provocações” de Chikaoka foram um forte motivador de uma condição de amadurecimento do fazer e do pensar fotografia em Belém, que contou fortuitamente com o fomento à fotografia nacional realizada pelo *Núcleo de Fotografia da Funarte*, posteriormente *INFoto*, *Instituto Nacional de Fotografia da Funarte*, através dos encontros promovidos como as *Semanas Nacionais de Fotografia* e nos encontros regionais, como o *FOTONORTE*. Sobre o trabalho na região Norte nos escreve Walter Firmo, então diretor do *INFoto*: “Descentralizar se preciso for. Sempre é”⁶.

A Semana Nacional de fotografia, realizada pela FUNARTE, em Cutiriba em 1986, e em Ouro Preto, 1987, contou, respectivamente, com 13 e 28 fotógrafos oriundos de Belém. Os fotógrafos desta cidade passam a tomar parte em outras semanas de fotografia organizadas em outros lugares do Brasil, evidenciando o interesse crescente de troca, da preservação do prazer de estar em conjunto, o que era a base sólida das *Fotoatividades*, possibilitando a ampliação de contatos e experiências enriquecedoras, que trouxeram novos horizontes para a fotografia paraense.



Figure 2: VI Semana Nacional de Fotografia, Grupo de Fotógrafos Paraenses – “Ex-crachado”, Ouro Preto, 1987. (Acervo Miguel Chikaoka/ Kamara Kó)

Um processo comum de continuidade é a formação de grupos autônomos após a experiência da oficina de fotografia ministrada por Chikaoka. São vivências intensas que ganham novos rumos por desejos e afinidades, como é o exemplo do Grupo *Caixa de Pandora* formado em 1992 por Claudia Leão, Flavya Mutran, Mariano Klautau Filho e Orlando Maneschy; os *Aluzinados* em 1994 constituído por Adriano Chedieck, Ana Carmem, Alexandre, Danilo Brach, Fátima, Lila Bermerguy, Mariane, Nelson Luis, Paulo José, Renata, Roberto, Simone Machado, tendo em Sinval Garcia seu maior articulador; o grupo *Espiandomundo* em 2003 constituído por Daniel Cruz, Kamila Frazão, Liane Dahás, Lívia Condurú, Luciana Magno, Luciana Ribeiro e Michel Pinho, a exemplo do próprio grupo *FotoOficina*, nascido da primeira oficina ministrada por Miguel que levou, entre outros caminhos, à formação da *FotoAtiva*. Sobre a experiência em grupo o professor e pesquisador Orlando Maneschy nos revela:

Nos conhecemos na *FotoAtiva* que era um ambiente libertário. Os eventos, as oficinas tinham vivências que iam além da mera relação do momento da aula. Era tudo muito misturado, aprendizagem e vida, e as pessoas também transitavam. Algumas que não eram daquele grupo participavam do evento, da viagem. Era uma grande viagem acerca da luz, do auto conhecimento, do corpo e das experiências transcendentais.⁷



Figure 3: A turma do Japa, Arte, Fotografia, de camiseta e tudo + ou -, 1989. (Acervo Miguel Chikaoka/Kamara Kó)

A segunda edição do FotoNorte em 1997, dez anos depois da primeira, ratifica o amadurecimento da fotografia no Pará. Desta vez, dirigido por Ângela Magalhães, o mapeamento da região Norte soma o total de 31 fotógrafos, sendo 24 deles residentes no Estado do Pará: Alberto Bitar, Ana Catarina (Britto), Arthur Leandro, Claudia Leão, Fernando Rosário, Flavya Mutran, Geraldo Ramos, Giovanni Gallo, Gratuliano Bibas, Guy Veloso, Hilton da Silva, Leila Jinkings, Ligia Simonian, Lila Bemerguy, Luís Braga, Marco Santos, Maria Christina, Mariano Klautau Filho, Miguel Chikaoka, Newton Lima, Otavio Cardoso, Orlando Maneschy, Patrick Pardini, Paula Sampaio, Paulo Almeida. Paulo Amorim, Paulo de Souza, Pedro Pinto, Porfírio da Rocha, Renata Simões, Shirley Penaforte, Sinval Garcia e Walcir Monteiro. Nadja Pellegrino foi uma das curadoras e confirma o aprimoramento estético da produção: “Existem trabalhos que já operam num campo mais transterritorial da fotografia, a fotografia manipulada, construída”⁸.

Enquanto acontecimentos nacionais e internacionais, ocupavam os fotógrafos paraenses em eventos coletivos e individuais, Chikaoka direcionava sua energia para a criação e aperfeiçoamento das oficinas e cursos de fotografia onde buscou, em um certo momento, a otimização dos resultados, que por sua vez alimentavam o contexto, novamente trazendo pessoas interessadas em fotografia para o movimento coletivo.

Direção este que se transformava também o tempo inteiro com as escolhas individuais dos que sustentavam seus círculos.

Há indícios da transição de posicionamento em Miguel Chikaoka cada vez maior às oficinas. São pequenos rastros, contínuos, suaves, que se diluem no dia-a-dia da criação e se mistura à própria história da *FotoAtiva*, que podem ser chamados também de amadurecimento, transição que demonstra adaptação a um novo tempo que se apresenta solicitando a necessidade de novas inserções, rastros deixados na própria fala de Chikaoka:

O que ocorre é que aqui em Belém há uma riqueza de aprendizado, exatamente porque você tem mais chances de trocar idéias, discutir produções. Eu poderia ter enveredado por uma escola de fotografia, mas optei pelo contato direto com as pessoas. Mas nunca parei de fotografar. Busco através do olhar das pessoas, e há sempre novas pessoas, novos olhares, novos ensinamentos, novos ângulos, nova visão. E nos olhos entendo o que se pode conseguir com a fotografia. Não houve um freio, não parei, só fui investir em outro processo, muito rico, que enriquece a mim. Houve ganhos e é uma coisa sem fim.⁹

Como ação constante, entre outras proposições, a oficina *PhotoMorphosis*¹⁰ ministrada por Miguel Chikaoka, acontecia em uma frequência média de duas/quatro vezes ao ano sendo o principal motivo agregador e responsável pela manutenção e renovação de pessoas com interesses e aspirações afins. Para além das oficinas, a *FotoAtiva* sempre foi um ponto de encontro, lugar de portas abertas ao novo.

No final dos anos 1990 surge o desejo de regulamentar juridicamente a *FotoAtiva*, conseguir uma sede própria que sobrevivesse independente de Miguel Chikaoka, iniciativas que caminhavam para a institucionalização; nota-se um direcionamento de energia pra ações mais objetivas, ações que não abandonam a experimentação mas que buscam ampliar o alcance de resultados otimizadores para sua sobrevivência.

O mês de Janeiro de 2000 é festejado pelo fato da *FotoAtiva* ter conquistado o caráter jurídico de associação, o que torna legalmente comum a todos o que sempre havia sido de fato, como reitera o crítico e professor Rubens Fernandes Junior, que acompanhou a escola desde o início:

O processo de organização e atuação do Fotoficina, do Fotopará e da Fotoativa se enquadram nessa perspectiva. Enquanto as realizações do Fotoficina se deram paralelamente ao processo de discussão e elaboração do seu estatuto, que acabou não se concretizando nem no papel, o Grupo Fotopará alcançou sua personalidade jurídica mas sem atingir a plena consciência da importância dessa condição, de forma que seus integrantes acabaram seduzidos pelo lado prático da convivência migrando para as ações do projeto Fotoativa. A Fotoativa, por sua vez, atuou durante mais de quinze anos sem o amparo de uma existência jurídica que só se concretizou em janeiro de 2000, após quatro anos de muitas discussões, idas e vindas.¹¹

Este novo século é marcado por um novo momento, que já havia sido também explorado sob outro prisma anteriormente: a crescente preocupação com o patrimônio cultural, natural, histórico, acervo, e memória. O direcionamento dos exercícios das oficinas ministradas por Chikaoka passam a ser encaminhados para esse fluxo patrimonial, assim como as jornadas fotográficas no Bairro da Campina, entre outras ações que existiam antes em menor fluxo.

Ocorre a aprovação do *Projeto Ver-o-Peso* pelo Ministério da Cultura em 2000 para captação de recursos através da lei 8313/91, Rouanet, e Tó Teixeira. Tendo o Ver-o-Peso como um ponto de conexão entre Belém e a Amazônia, a metrópole e as regiões ribeirinhas, foram desenvolvidas uma série de ações culturais, de oficinas, além de exposições e também outras formas de expressão como teatro e música, promovendo uma troca histórica de conhecimento e aprendizado ao possibilitar a inserção de outros artistas assim como a de um público que não frequenta o Mercado do Ver-o-Peso habitualmente, mas sobretudo possibilita leveza e troca aos que trabalham diariamente no lugar. O projeto objetivava além do lazer, da promoção cultural, a construção de um acervo de imagens e informações sobre o local, registro da dinâmica sociocultural e física do complexo Ver-o-Peso. Participam outros 60 fotógrafos que desenvolveram sua percepção pessoal do local. O resultado fotográfico foi exposto no próprio lugar. No caso do Ver-o-Peso foi ocupado o Solar da Beira, um casarão inserido dentro do próprio complexo. Um gesto simples, que revela a preocupação real com a renovação da construção do imaginário do lugar, das pessoas que habitam aquele espaço, demonstrando seu valor e, principalmente, promovendo a autovalorização.

Juntamente com a mobilização de uma operação política, então, é preciso por em movimento uma operação mágica.

Esta: para além do real que me é dado pelo mundo, e sobretudo, se esse real está deformado pelas marcas de uma dominação alheia a mim, resta-me o recurso de um jogo.

E nesse jogo descubro e me repito, até o último alento:

- A História, a minha história, só terá realidade quando eu me apossar dela pelo meu imaginário de homem e região. (CECIM, 1986, p. 15-16)

A fotografia, as artes, o pensamento, o delírio, são caminhos, entre outros, para a modificação desse imaginário, imposto sorrateiramente, silenciosamente, para a reconstrução da nossa história. A modificação da percepção é nosso primeiro passo em busca da liberdade de autonomia do imaginário. A fotografia é um “portal” para uma nova realidade.

Quando a associação *FotoAtiva* obteve da prefeitura a licença de uso do casarão localizado na Praça das Mercês¹², sua atual sede, uma convocatória de mudança aos associados e pessoas afins que compartilham do legado desse grupo foi organizada imediatamente após a conquista do casarão, mudança que foi “carregada” em grande festa por associados e amigos: “INFORME FOTOATIVA, 10 de fevereiro de 2005. Hoje, quinta feira de 10 às 22 horas, Mutirão da Mudança da Frutuoso, 615 para Mercês, 19”¹³.

Nos vinte anos iniciais das décadas de 1980 e 1990, o espaço físico da *FotoAtiva* e o de Miguel Chikaoka estavam agregados, entre um misto de ateliê/residência sendo desvinculada, de fato, só com a conquista do casarão do Largo das Mercês em 2005, cedido pelo município para a ocupação da associação: “Com 20 anos de estrada, detentora do título de Entidade de Utilidade Pública Municipal, a Fotoativa promete transformar o Casarão nº19 do Largo das Mercês em um grande pólo de produção artística e referência nacional no campo da fotografia¹⁴”.

Com a transferência da sede da *FotoAtiva*, da travessa Frutuoso Guimarães para o novo endereço, é iniciado um movimento também de ocupação dos próprios associados, estimulados por Chikaoka. É a partir da instalação da nova sede que se observa um intenso processo de mudança, crescimento e amadurecimento que caminha na busca de autonomia da própria Associação.



Figura 4: Primeira ocupação cultural do casarão das Mercês, nova sede da FotoAtiva, 23 Janeiro de 2005. (Acervo Miguel Chikaoka/Kamarako)

Almejando transformar-se em um grande pólo de fotografia na região, possuindo um espaço físico para isso, uma reestruturação interna começa a ser discutida: Qual o papel de formação da *FotoAtiva* na atualidade? O que modificou no direcionamento de energia com seu crescimento? O que se espera da formação *fotoativista*? Qual a nossa missão?

Entre processos de reformulação, a *FotoAtiva* chegou a formação de grupos de trabalho/pesquisa não perdendo assim seu caráter de coletividade. A associação é formada por diretoria, conselho fiscal e três núcleos executivos abertos: *Formação e Experimentação*, *Pesquisa e Documentação* e *Comunicação e Difusão*. Contando com dois grupos de estudos: *Fotografia e Memória* e *Pedagogia da Luz*. A *FotoAtiva* atua com uma ampla rede de parceiros e é credenciada como Entidade de Utilidade Pública Municipal e Estadual.

Projetos socioeducativos importantes acontecem atualmente na *FotoAtiva*, buscando também ampliar seu público alvo, diferente daquele público das oficinas regulares de iniciação à fotografia, explorando assim outros territórios, ocupando o entorno do Largo das Mercês, expandindo entre o Ver-o-Peso, e as regiões das ilhas

que circundam Belém, agregando uma parte maior de pessoas através de cursos profissionalizantes, inserindo arte à comunidade na tentativa de transformação desse entorno, tentativa de proporcionar melhoria de qualidade de vida a seus participantes.

Hoje fala-se com clareza de ações educativas relacionadas a atividades que se expandem na *FotoAtiva*. Chikaoka busca para si uma postura do que atualmente, na pedagogia, chamamos de *facilitador do conhecimento*, uma postura menos rígida comparada a ideia de educador como aquele que “molda” o conhecimento amparado em aspectos pré-definidos.

Mesmo não tendo abandonado a experimentação dos processos artesanais, quando no início pareciam ações pouco organizadas, o que realmente não eram pois há registro de fluxogramas altamente programados para o resultado que se esperava com cada ação, o que diferenciava é que havia uma margem de liberdade à resposta do *outro* para aquela ação, subvertendo parâmetros tradicionais de ensino no sentido de desconstrução de processos. O crescimento atual é um processo de amadurecimento mas também de enrijecimento que entre melhoria de condições técnicas tem sofrido um desgaste ideológico, no sentido de determinação de metas previamente definidas.

O principal ponto é que a *FotoAtiva* ampliou seu papel social, no entanto perdeu uma certa fluidez de sua linha experimental, que foi sua característica marcante nas duas primeiras décadas de ação.

Se por um lado, as ações realizadas durante as décadas de 1980 e 1990 priorizavam, estimavam, uma trabalho pessoa a pessoa, por outro lado nota-se que essas pequenas ações reverberavam em qualidade na vida desses indivíduos, que construíram juntos, uma intensa e sólida história de experimentos baseados na união. O principal ponto é que a *FotoAtiva* ampliou seu papel social, no entanto perdeu, em sua linha experimental, uma individuação em detrimento do coletivo.

Se na atualidade há a possibilidade, e sobretudo o interesse de ações que agreguem um grande numero de participantes, há de se levar em conta a intensidade

com que esses experimentos são vivenciados. É um processo ainda em construção, que vem traçando suas bases sobre os lemas, otimizar, profissionalizar. Um novo período aguarda para ser (re)feito, este, quando a associação *FotoAtiva* voltar a pleno vapor com seu casarão reformado. O espaço foi cedido por mais 20 anos pelo Prefeitura Municipal de Belém para a Associação e promete infraestrutura plena para sonhar.

Ao nos debruçarmos sobre a história da *FotoAtiva* e, conseqüentemente de a importância de Miguel Chikaoka em sua existência, percebemos que cabe a instituição apropriar-se de sua história e da potência de todas experimentações articuladas por Chikaoka, a partir dos princípios éticos-estéticos que guiaram o fazer da *FotoAtiva* ao longo de décadas para poder encontrar, em sua gênese, caminhos para outras e reverberantes possibilidades.

¹ “Vários fotografos vieram à região por meio de expedições, como o alemão Albert Frisch, que viajou pelo Alto Amazonas por volta de 1865 e registrou índios brasileiros (as mais antigas fotos destes povos de que se tem notícia) e barqueiros bolivianos, bem como a flora, a fauna e a paisagem amazônicas.” MANESCHY, 2001, p. 17. Supõe-se que Charles Fredricks tenha sido o primeiro fotógrafo a chegar no Pará, entretanto, este não deixou registro fotográfico conhecido de sua passagem por aqui, a despeito de termos conhecimento de sua produção no nordeste do Brasil e na Argentina. Para saber mais ver: Las grandes Fotografias Del Periodismo argentine: Daguerriotipos, el nacimiento de la fotografia en la Argentina.

² Para saber mais sobre o Foto Clube do Pará: MANESCHY, Orlando. O corpo sutil das imagens: fotografias de Gratuliano Bibas. In: PARÁ. Fotografia Contemporânea Paraense. Belém: Secult, 2002, p. 194. FERNANDES JÚNIOR, Rubens. A experiência de Belém. In: <http://rpcfb.com.br/2011/01/a-experiencia-de-belem/> acesso em: 01/01/2012.

³ CHIKAOKA, Miguel. Jornal A Província do Pará. 1981 (Acervo FotoAtiva).

⁴ COOPER, David. Le language de la folie e Mort de la famille e LANG, Ronald, La politique de l’experience e La politique de la famille, livros que Chikaoka conheceu na França dos pensadores do movimento da antipsiquiatria e que identificou, junto a Paulo Freire (com sua Pedagogia do Oprimido), uma linha de trabalho que podia seguir enquanto mediador.

⁵ Autor não identificado. Jornal A Província do Pará. 1982 (Acervo FotoAtiva)

⁶ FUNARTE. Instituto Nacional da Fotografia. I Fotonorte/ Apresentação de Walter Firmo – Rio de Janeiro: Funarte, 1987.

⁷ ORLANDO MANESCHY. **Anos Fotoativa.** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <ormaneschy@yahoo.com.br> em 21 nov.2009.

⁸ PELLEGRINO, Nadja. Fotonorte Revela Talentos, Jornal O Liberal, 10 jun. 1997

⁹ CHIKAOKA, Miguel. Sempre um novo olhar, Jornal O Liberal. 08 set. 1996.

¹⁰ A palavra Morphosis significa estar em estado de formação, Photo significa luz, luz em estado de formação, que se forma constantemente, grafia da luz. Pode-se também classificar o próprio histórico da Photo Morphosis como algo que está continuamente a se formar. As oficinas “fixas” de fotografia mudaram de nome no decorrer destas tres décadas: a princípio foi chamada de *Iniciação à Arte Fotográfica*, *Iniciação à Fotografia*, *Oficina de Fotografia FotoAtiva*, *Oficina de Fotografia Sensorial* e em 1998 até a atualidade chama-se *PhotoMorphosis*.

¹¹ Para saber mais: <http://rpcfb.com.br/2011/01/a-experiencia-de-belem/> acesso em 05/01/2012

¹² Segundo o crítico FERNANDES JUNIOR, 2002, p. 20/21., o Largo das mercês havia sido no século XIX, em 1867, local onde estava situado o estúdio do fotógrafo Felipe Augusto Fidanza.

¹³ Para saber mais: http://www.fotoativa.blogspot.com.br/2005_01_01_archive.html acesso em 28/01/2012

¹⁴ Para saber mais: http://www.fotoativa.blogspot.com.br/2005_01_01_archive.html acesso em 02/02/2012

Referências:

Autor não identificado. Jornal A Província do Pará. 1982 (Acervo FotoAtiva)

CHIKAOKA, Miguel. Sempre um novo olhar, Jornal O Liberal. 08 set. 1996.

CHIKAOKA, Miguel. Jornal A Província do Pará. 1981 (Acervo FotoAtiva).

CECIM, Vicente: O Colonialismo na Amazônia in: **As Artes Visuais na Amazônia: Reflexões sobre uma visualidade regional**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Belém: SEMEC, 1985.

COOPER, David. **A Linguagem da Loucura**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

FERNANDES JÚNIOR, Rubens. A experiência de Belém. In: <http://rpcfb.com.br/2011/01/a-experiencia-de-belem/> acesso em: 01/01/2012.

FERNANDES JUNIOR, Rubens, *in*: PARÁ, Secretaria do Estado Da Cultura. **Fotografia Contemporânea Paraense: panorama 80/90**. Belém: SECULT, 2002

FUNARTE. Instituto Nacional da Fotografia. I Fotonorte/ Apresentação de Walter Firmo – Rio de Janeiro: Funarte, 1987.

MANESCHY, ORLANDO. **Anos Fotoativa**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <ormaneschy@yahoo.com.br> em 21 nov.2009.

MANESCHY, Orlando Franco, **Desenhos Distantes: O Território da Fotografia Contemporânea Paraense**. Dissertação de mestrado PUC São Paulo 2001

MANESCHY, Orlando. O corpo sutil das imagens: fotografias de Gratuliano Bibas. In: PARÁ. **Fotografia Contemporânea Paraense**. Belém: Secult, 2002,

NUNES, Benedito. A Amazônia Reinventada *in* Instituto Nacional da Fotografia, **II Fotonorte: Amazônia: O Olhar sem Fronteiras**. Rio de Janeiro: Funarte, 1994

PELLEGRINO, Nadja. Fotonorte Revela Talentos, Jornal O Liberal, 10 jun. 1997

http://www.fotoativa.blogger.com.br/2005_01_01_archive.html acesso em 28/01/2012

Luciana Loureiro Figueira Magno

Artista, pesquisadora. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Tem participado de projetos artísticos no país e no exterior: 2011: TRAMPOLIM, mostra de vídeos, Galeria de arte e pesquisa da UFES. 2010: “Mais Rapidamente para o Paraíso”, Premio SECULT de Artes Visuais; Museu do Estado – PA; “A brush with Light”, **University** of Wales, Newport – Reino Unido.